



II CONGRESSO
Histórico DE
Amarante

ACTAS

PATRIMÓNIO, ARTE E ARQUEOLOGIA

II VOLUME

TOMO I

Ficha Técnica

Título

II Congresso Histórico de Amarante 2009

Actas

Edição

Câmara Municipal de Amarante

Secretariado

Maria José Queirós Lopes

Ricardo Emanuel dos Santos Matias Pinto

Tiragem

500 exemplares

Composição e impressão

Gráfica do Norte - Amarante

ISBN 978-989-8141-26-2

Depósito Legal

N.º 302372/09

A capela de Nossa Senhora dos Remédios, do lugar de Morgido, em Candemil

Uma simples visita à capela de Nossa Senhora dos Remédios, situada no coração da aldeia de Morgido¹, da freguesia de Candemil, Amarante, obriga a fazer perguntas de resposta difícil. *Porquê?* Há-de ser a norma metodológica do que segue.

Mal se entra, percebe-se logo, no lado direito do altar, algo de estranho: houve ali uma pintura que representava dois grandes vultos da devoção



O altar-mor depois do restauro de 2002

cristã: S. Francisco de Assis e Santa Clara². E digo *houve* porque, sobre ela,

¹ Morgido e não Murgido pois que “temos certamente aqui uma composição híbrida *Mauri-Gildus*” (PIEL, Joseph M. – *Os nomes germânicos na toponímia portuguesa*, Lisboa : Imprensa Nacional, 1936, p. 215) que evoluiu foneticamente como *maurus* [latim] > *mouro* [português].

² Francisco (1182-1226) e Clara (1193-1243), ambos naturais de Assis, muitas vezes representados juntos, estão na origem de duas ordens religiosas ditas *mendicantes*, a masculina (os franciscanos,



Estado actual das pinturas de S. Francisco e Sta Clara

foi posteriormente colocada uma edícula a guardar uma imagem de Santo António que obrigou à sua destruição parcial.



Estado anterior das pinturas dos dois santos franciscanos

Restou, porém, fora dos contornos da edícula, parte das duas figuras franciscanas. Com o tempo, porém, o povo anónimo de Morgido, aldeia situada na encosta da serra do Marão, sujeita, sobretudo no Verão, a fortes e perigosas trovoadas³, acabou por confundir-lhes os nomes: S. Francisco pas-

com vários ramos) e a feminina (as clarissas, também com dois ramos). Os dois provenientes de famílias burguesas abandonaram os seus bens de origem para se dedicarem aos pobres e a uma vida pobre. O seu carisma rompeu com a vida monástica tradicional da Igreja, respondendo desse modo aos apelos do mundo novo que então surgia, o dos burgos medievais. Quanto à pintura do altar de Morgido, repare-se que as duas figuras têm o mesmo desenho, porte e altura. Note-se ainda que Santa Clara ostenta uma coroa e não, como é costume, um resplendor. E de facto ela é por vezes assim representada. Mais se salienta que a coroa de Santa Clara tem o mesmo desenho que aquela outra que encima as armas franciscanas pintadas no forro do tecto da capela de Morgido.

O contacto de uma massa de ar húmido com a superfície de um solo aquecido provoca normalmente uma violenta descarga eléctrica – o raio – que é acompanhada de fenómenos ópticos – o relâmpago – e acústicos – o trovão. Há vários tipos de trovoadas. No nosso caso, interessa-nos a chamada *orográfica*, frequente nas regiões montanhosas: quando uma massa de ar instável é obrigada a subir pela vertente montanhosa. É o que acontece muitas vezes na encosta do Marão em que se situa Morgido: a povoação, voltada para o mar, recebe muitas vezes, em dias quentes e de frente, um ar húmido e fresco. Os efeitos desta trovoadas têm, ocasionalmente, efeitos trágicos. *Trovoadas nos montes levam moínhos e pontes*, diz o Adagiário popular. Ao lado praticamente da igreja paroquial de Candemil, vêem-se ainda as ruínas de uma bela casa atingida um dia por um raio: destruiu-a depois um incêndio que se lhe seguiu. Como muitos outros terão destruído colheitas e até atingido rebanhos, total ou parcialmente.

sou a S. Jerónimo, e Santa Clara a Santa Bárbara. E, para que não restassem dúvidas, escreveu-se por baixo *São Jerónimo e Santa Bárbara*.

A *São Jirome e Santa Barbra birge!* Acudiam os locais contra as trovoadas e seus raios! E com que fé eram invocados, apesar dos muitos que *Só se lembram de Santa Bárbara quando troveja!* Santa Bárbara, era a tradicional e popular defensora contra raios e coriscos⁴. S. Jerónimo (347-420), por sua vez, que nada tinha a ver com o assunto, representava-se por vezes com um raio sobre a sua cabeça⁵: só que o raio apenas dizia da inspiração divina que lhe permitiu levar a cabo uma enorme e conseguida tarefa, a da primeira tradução da Bíblia do grego para o latim, a *Vulgata*, assim se lhe chamou, tradução feita a pensar no *vulgus* > povo. Do raio da inspiração divina ao raio das trovoadas, o salto foi pequeno!

⁴ Santa Bárbara, suposta mártir de grande devoção popular, foi retirada do calendário litúrgico em 1969, por ser muito débil a sua historicidade. Segundo a lenda, filha de pai pagão, Bárbara foi por ele encerrada numa torre pelo próprio pai que tentava assim impedir se tornasse cristã. A rapariga, porém, terá mesmo aderido ao cristianismo, sendo por isso martirizada por seu pai, imediatamente fulminado por um raio. Seria este a torná-la patrona de quantos manuseavam fogo ou explosivos: os mineiros, os soldados de artilharia, os fogueteiros. Mas a torre, que aparece sempre na sua iconografia, torná-la-ia ainda padroeira dos encarcerados, dos sineiros, etc. A piedade popular, porém, haveria de invocá-la sobretudo como defensora contra os perigos das trovoadas, nomeadamente contra os seus raios, mortíferos quantas vezes.

⁵ São Jerónimo foi uma grande figura da Igreja do séc. IV/V, e um dos grandes Doutores da Igreja do Ocidente. Não se conta aqui a sua história. Apenas se salienta que foi ele o autor da primeira tradução da Bíblia para latim. A Bíblia hebraica havia sido traduzida para o grego certamente em Alexandria, no Egipto, por meados do séc. III a.C. O Novo Testamento, por sua vez, foi logo escrito em grego. Seria no entanto São Jerónimo a traduzir toda a Bíblia, Antigo e Novo Testamentos, para o latim, o que garantiu à Boa Notícia de Jesus uma indelével universalidade. O latim era já, àquela altura, a língua do mundo mediterrânico. A enormidade e a qualidade da tarefa levada a cabo por S. Jerónimo só foi possível porque – entendeu-o a tradição cristã – ele foi *iluminado pelo raio da luz divina*. Assim aparece de facto muitas vezes, sobretudo na pintura europeia. Recordo, e é só um exemplo, um célebre quadro de Ticiano – São Jerónimo – que pode ver-se no Mosteiro de São Lourenço do Escorial. Este raio – diferente embora do de Santa Bárbara – levou a que, popularmente, São Jerónimo e a mártir lendária tivessem sido popularmente associados como defensores contra os perigos das trovoadas: *São Jirome e Santa Barbra birge [rogai por nós]!*



Pintura de S. Jerónimo, da autoria de Ticiano, do Mosteiro de São Lourenço do Escorial

Nada de muito especial, portanto, aconteceu em Morgido: santos que mudaram de nome, capelas de invocação, freguesias de patrono, figuras de suas iconografias, etc, eram coisas comuns no tempo antigo. A devoção popular mandou sempre mais. Até os santos tinham de provar que serviam para alguma coisa! Caso contrário mudava-se de santo ou trocava-se-lhe o nome. Assim aconteceu em Morgido: se uns não acudiam às necessidades, acorria-se a outros, mais protectores.

Quando – voltamos à capela de Morgido – se deu conta da troca de nomes, nas obras de restauro da ermida que, em 2002, foram levadas a cabo⁶, rapidamente novas perguntas vieram ao de cima: porquê as duas figuras de S. Francisco e de Santa Clara em território tão *dominicano* como é Amarante?; mais: há relação entre esta pintura dos santos de Assis, com a da Via Sacra⁷ e a das armas franciscanas pintadas no forro do tecto?

⁶ As obras de restauro foram levadas a cabo pela técnica Rita Sá, e orientadas pelo Arq^o José Carvalho. Na Via Sacra, síntese de várias devoções medievais, promovida particularmente pelos Franciscanos, “os fiéis percorrem com afecto participante o último trajecto da caminhada percorrida por Jesus durante a sua vida terrena: desde o Monte das Oliveiras ... até ao Monte do Calvário, onde foi crucificado..., [e] ao jardim onde foi deposto [...]” (*Directório sobre a Piedade Popular e a Liturgia*, nº 131, da Congregação para o Culto divino e a disciplina dos Sacramentos, de Dezembro de 2001 [Lisboa: Paulinas, 2003, p. 108]).



Vista parcial da Via Sacra do forro do tecto



As armas franciscanas do forro

Se é estranho o *franciscanismo* da capela de Morgido, é legítimo admitir uma hipótese: forro e retábulo vieram de fora, comprados ou cedidos? Mas, em caso afirmativo, donde?

Poderá responder-se a todas estas questões?

São Cristóvão de Candemil

A paróquia de São Cristóvão de Candemil a que pertence o lugar de Morgido é claramente antiga. Está citada logo nas Inquirições de 1220: *Sancto Christophano de Candemir*. O culto de S. Cristóvão, que se estabeleceu quase sempre em lugares próximos de rios de passagem difícil por não haver pontes, é, entre nós, muito anterior à Nacionalidade. E, de facto, a explicar o orago desta freguesia, lá está, abaixo da paroquial, o rio Marão a dificultar a passagem dos viandantes de Trás-os-Montes para lugares mais ocidentais.

Embora distante do centro da paróquia de Candemil a que pertencia, Morgido não era, nem por sombras, uma povoação isolada. Para além do caminho que, do centro paroquial, subia para a aldeia, passavam por ali perto outros dois. Um que, da célebre estrada “de Carneiro”, o “caminho que vai de Amarante até Quintela”⁸, ligava à Campeã e passava por *Cimo de Vila*, a Leste de Morgido; outro, talvez mais antigo, que, subindo do Douro, demandava a aldeia de Mafômedes, e ia passar bem acima da aldeia, pelo alto da serra, donde alcançava a Campeã. Este último pode confundir-se com um caminho romano onde há anos se encontrou uma inscrição – *Castra Oresbi* – que parece estar ligado à lenda de S. Gonçalo, pois que nele se “descobre [em] o alto da serra uma cabeça calva, como coroa de lágea continuada, na qual ... até

⁸ RIBEIRO, Aquilino – *A Casa Grande de Romarigães*, 10ª ed., Lisboa : Bertrand, p. 252.

hoje ficaram profundamente impressas umas rodadas de carro, que são buscadas, e veneradas dos passageiros por memória» de um milagre do santo⁹.

O lugar de Morgido começou por ser coisa insignificante. Em 1530, na contagem do “número dos moradores da comarca de Trallos Montes”, tinha apenas 8 moradores¹⁰! Pela sua situação geográfica, valeria a alguns vian-dantes de passagem mas também a alguns rebanhos transumantes da Estrela, e alimentava-se mais da pastorícia que de uma agricultura rudimentar. Seja como for, a sua população foi crescendo: ao longo do séc. XVII são já frequentes nos Livros paroquiais de Candemil os assentos de baptismos de crianças nascidas na povoação¹¹.

Com os tempos, porém, os pequenos campos de Morgido já não conseguiam dar de comer a tanta gente. Alguns dos seus habitantes ou os seus filhos ter-se-ão então deslocado um pouco mais para Norte. Foi assim que, adiante mas na mesma vertente da serra do Marão, nasceram duas novas povoações, uma *Granja* e uma *Póvoa*.

Os dois topónimos explicam claramente o que se terá passado. As Póvoas eram pequenas povoações (Póvoa > pequeno povo¹²) surgidas ao lado de outras, maiores e mais antigas. O seu nome determina muitas vezes a relação que tinham e mantinham com a antiga e primitiva povoação (Póvoa de Varzim, de Lanhoso, de Santa Iria, de Penela, de Santarém, etc). E surgiam ou por esgotamento das povoações antigas e seus *fundi* (donde os *fundevila*) ou pela importância (agrícola, pastoril, piscatória, mineira, económica em geral, etc) dos sítios em que nasciam. Assim aconteceu na que poderia ter-se chamado Póvoa de Morgido. Mas o senso popular entendeu que, aqui, a determinação não era necessária; não haveria qualquer tipo de confusão desta com outra Póvoa de por ali ao pé. Um pouco o mesmo se pode dizer da *Granja*¹³.

A comprovar esta antiguidade, há por aqui à volta algumas remotas

⁹ SOUSA, Frei Luís de – *História de São Domingos II*. Porto : Lello & Irmão, 1977, p. 175.

¹⁰ BRAMCAMP FREIRE, A. – “Povoação de Trás os Montes no XVI século”, in *Archivo Historico Portuguez*. Lisboa, 1909, vol VII, p. 243.

¹¹ Ver, em apêndice, (parte de) dois assentos de baptismo celebrados na paroquial de Candemil, um em 1668, outro em 1749.

¹² Ainda hoje, em Trás-os-Montes e por toda esta região do Marão se utiliza a palavra *povo* como sinónimo de *povoação*.

¹³ “Ou venha de *granum* o nome de *granja*, porque nela se recolhem os frutos; ou do verbo *grangear*, não havendo na *granja* outro destino que granjear em os renovos e gados o preciso para a vida, e tirar algum lucro, proveito ou granjearia, inumeráveis documentos nos informam que muitas destas *granjas* não foram mais que insignificantes *coirellas*, *prédios*, *quintinhas*, ou *terrúlas*, *descontinuadas e não unidas*, mas com sua casa, ou *celleiro para recolher os frutos*” (SANTA ROSA DE VITERBO, Joaquim – *Elucidário*. Porto : Civilização, 1993, 2ª reimpressão, p. 304).

devoções muito anteriores à fundação paroquial de Candemil. **São Domingos** (a *Poça de S. Domingos*, situada não longe do conhecido *Penedo Longo*, na freguesia de S. Cristóvão), refere-se certamente ao mártir de Simancas, do séc. X, um grande culto espalhado por toda a Península muito antes da Nacionalidade. Não muito longe daqui, a ermida de **Nossa Senhora da Corba Chã**, inicialmente talvez de Santa Maria, denota também muita antiguidade. Pode mesmo ter substituído um primitivo culto pagão. Está de resto colocada a hipótese de ter sido por aqui, a *civitas* ou castro que deu origem e nome à antiga Terra de Santa Maria de Gestaçô. **S. Vicente**, o mártir de Valência da perseguição de Diocleciano (284-305) nascido em Zaragoza, teve também entre nós um culto grande no tempo moçárabe. De uma ermida de S. Vicente, citada nas *Inquirições* de 1220¹⁴, resta apenas o antigo topónimo – *São Vicenço* – que, nesta forma arcaica, dá nome a um lugar da vizinha paróquia de São João de Várzea. E a toponímia nunca engana! A regra é esta: um hagiopónimo dá sempre notícia de um lugar de culto dessa invocação.

Não pode também ignorar-se a antiguidade dos oragos das três paróquias que rodeiam a de Candemil: **S. Paio**, o pequeno mártir de Córdova do séc. X, cuja devoção rapidamente se espalhou por esta parte da Península e foi escolhido para orago de Ansiães¹⁵; **S. Mamede**, titular de uma das devoções mais frequentes da nossa pré-nacionalidade, trazida do Oriente antes do séc. X, é o orago de Bustelo¹⁶; e **São João**, padroeiro de Várzea, freguesia citada nas *Inquirições* de 1220, é uma devoção dos primeiros séculos cristãos.

¹⁴ São Vicenço de Várzea, Amarante, citada como *hermita* em 1220, era em 1258 apenas um topónimo referido no decorrer da Inquirição de Bustelo. Há, ainda hoje, no lugar de S. Vicenço, uma pequena propriedade da paróquia de São João de Várzea que faz parte do *paçal* da freguesia e que pode sugerir que a paróquia tenha tido por aqui o seu nascimento.

¹⁵ A paróquia de S. Paio de Ansiães é um pouco mais tardia que as suas vizinhas, apenas citada como tal em 1320 pelo *Catálogo de todas as Igrejas...*; nas *Inquirições* de 1220 é um simples lugar da freguesia de Aboadela. Mas a devoção de S. Paio é antiquíssima entre nós: por um testamento do ano 928, três anos após o seu martírio, ocorrido em Córdova em 925, sabemos que, àquela data, o mosteiro de Lorvão o tinha já por orago secundário.

¹⁶ Datando de 1650 a licença para que o Pároco de Candemil benza a nova e já trasladada capela de Morgido, é de realçar a data inscrita na parede exterior da sacristia da paroquial de Bustelo – 1678 – que refere certamente as obras de restauro daquela paroquial então efectuadas. Atendendo ao ano da [re]construção da paroquial de Bustelo e ao da bênção da capela de Morgido, pode concluir-se que anda por estas duas tão próximas datas a preocupação pastoral de Trento. Mas a paróquia de Bustelo é antiga e está citada logo nas *Inquirições* de 1220.

A fundação da capela de Morgido

Apesar de toda esta antiguidade, a capela de Morgido é bastante tardia, embora se desconheça a data da sua primeira construção. Apenas sabemos que, a 4 de Fevereiro de 1650, o vigário Capitular da Diocese, Governador do Arcebispado em *sede vacante*¹⁷, concedeu ao reverendo *Manuel Teixeira, Abade de Candemil*, licença para a benzer¹⁸. Por este documento, sabemos ainda que a ermida estava edificada em lugar diferente do actual e que, ao tempo, não conhecia patrono¹⁹.

Mais tarde, em *repetidos capítulos de visita*, isto é, por ocasião de repetidas visitas episcopais feitas à paróquia, certamente realizadas não directamente pelo Arcebispo mas por um visitador por ele nomeado, foi mandado a *Manuel Gonçalves Mourão e a Luís Álvares, ambos do lugar do Morgido, mudarem a capela que havia no tal lugar para administração dos Sacramentos necessários aos enfermos que há no sobredito lugar para outro sítio mais conveniente para o sobredito ministério ao que ao presente tem dado inteira satisfação mudando-a na forma mandada à sua própria custa deles sobreditos moradores*²⁰.

Porquê só a eles e não aos habitantes todos da aldeia foi ordenada a trasladação da capela? Certamente porque se tratava de uma ermida *própria*, isto é, de que os dois homens em questão eram *possessores*, talvez por herança.

Tendo eles cumprido o que lhes foi mandado, em 12 de Dezembro de 1713, eles próprios pediram ao Arcebispo de Braga D. Rodrigo de Moura Teles (1704-1728) licença para a bênção do novo edifício, levantado agora no coração do lugar em substituição da *antiga e hoje demolida* capela primeira porque

lhes parece que está com toda a decência necessária para nela se celebrar e dela se administrar os sacramentos com muito mais cómodo do que da antiga e hoje demolida e porquanto é necessário licença para se benzer

¹⁷ A Arquidiocese de Braga esteve *sede vacante* [isto é, com a cadeira episcopal vazia, sem Bispo] desde 1641, ano em que morreu D. Sebastião de Matos de Noronha (1636-1641), até 1670, data em que foi nomeado Arcebispo D. Veríssimo de Lencastre (1670-1677). Deveu-se tão grande interregno ao facto de Roma ter tardado a reconhecer a legitimidade dos reis portugueses, posteriores à revolução de 1640: D. João IV (1640-1656) e D. Afonso VI (1656-1667).

¹⁸ Ver no Apêndice o documento nº 1.

¹⁹ Como noutro lado se explica, porém, as *Memórias Paroquiais* de 1758, haveriam de dizer que "a dita capela já esteve em outros dois sítios".

²⁰ Ver no Apêndice o documento nº 2.



A capela da Senhora dos Remédios, no coração lugar de Morgido

pedem ao Ilustríssimo lhes faça mercê dar licença para benzer a dita Capela ... na forma do Ritual Romano...

O Arcebispo quis saber das condições da nova construção. Para isso ouviu o Pároco de Candemil. Este, fundamentalmente, informou que a capela tinha as condições necessárias.

A capela de que trata a petição acima, no tamanho dela comprimento e largura, é bastante para nela se dizer missa e dela sair o Sacramento para os enfermos.

Acrescentou entretanto um pormenor importante: *tem o retábulo antigo* [isto é, da capela primitiva] [que é] *menos suficiente* [que as demais condições],

Recebida esta informação, em 26 de Setembro de 1717, o Arcebispo pediu ainda parecer ao Procurador Geral da Mitra, que, em 13 de Dezembro do mesmo ano, respondeu assim:

Pode Vossa Ilustríssima ... mandar se passe licença para o Reverendo Pároco benzer a Capela e altar para com isso se poder nela dizer missa...

Finalmente, o então Arcebispo D. Rodrigo de Moura Teles concedeu a necessária licença. Este documento está datado de 15 de Novembro de 1717.

Em 1787, novo pedido, agora dos moradores do lugar. Pretendiam eles que, *por ficar o dito lugar distante uma légua da Igreja Matriz havia necessi-*

dade de haver confessionário na Capela dele para se confessarem as pessoas devotas que desejavam frequentar os sacramentos, ... lhes concedessemos licença ... para que na Capela do dito lugar de Morguido se possa colocar um confessionário que será feito na forma do estilo e [como] determinam as nossas pastorais e nele se poderão confessar os moradores do dito lugar e mais fiéis quando por sua devoção o quiserem fazer. O Arcebispo anuiu ao pedido²¹ mas ressaltou que a confissão não se podia celebrar ali na obrigação da Quaresma e que a concessão que então fazia não podia redundar em prejuízo dos direitos paroquiais!

Nestes três documentos arquiépiscopais, nunca à capela de Morgido se refere patrono: ela é simplesmente a capela do lugar.

A capela de Morgido e o espírito de Trento

Tudo isto aconteceu em cumprimento, estou em crer, do espírito do Concílio de Trento (1545-1563).

O Tridentino, preocupado com a descristianização do seu tempo, cuidou especialmente da assistência pastoral das populações. Nessa linha, orientou e decretou; as dioceses tomaram depois decisões concretas. Na de Braga – a que pertencia, ao tempo, toda esta zona – recomendaria assim o IV Concílio Provincial Bracarense (1566):

Algumas vezes o sagrado viático do corpo do Senhor não pode ser levado aos doentes porque residem afastados da Igreja numa grande distância e porque, em virtude dos montes inacessíveis e das solidões incultas, não pode ser conduzido até aos doentes. O Santo Concílio, no desejo de remediar este inconveniente, estabelece que, em todas as aldeias se designem e se consagrem, de acordo com a prudência dos Ordinários, capelas em que se possa celebrar a missa e daí se possa transportar com dignidade o corpo do Senhor até junto dos gravemente enfermos. Para a construção dessas ermidas ou capelas, contribuirão os habitantes dessas aldeias e outros lavradores das vizinhanças para pagar as despesas. Far-se-á de modo que não seja necessário celebrar e consagrar a hóstia no interior das casas dos doentes²².

São certamente este espírito e uma determinação concreta IV Concílio

²¹ Ver no Apêndice o documento nº 3.

²² IV Concílio Provincial Bracarense, 4ª Sessão, realizada em 25 de Março de 1567, capº 48, in CARDOSO, José – O IV Concílio Provincial Bracarense e D. Frei Bartolomeu dos Mártires. Braga: APPACDM, 1994, p. 196.

Provincial Bracarense que explicam a ermida a que se refere o documento de 1650. No entanto, pela sua situação, certamente fora da aldeia embora possivelmente não muito distanciada, pareceu necessário aos visitantes diocesanos, trazê-la para o interior da povoação. Assim se daria cumprimento ao determinado pelo mesmo Concílio Bracarense:

Algumas das vulgarmente chamadas ermidas ou capelas, um dia eretas pelos fiéis em montes abruptos e adustos ou em vastas solidões, estando já em ruínas e semi-destruídas ... sejam reconstruídas no mesmo local ou noutra que lhes parecer mais próprio e vantajoso²³.

Antes dele, tinha dito o Concílio de Trento:

Procurem informar-se [os Ordinários] dos fundadores de tais capelas ou ermidas. Informar-se-ão se passou para os herdeiros o encargo do restauro das mesmas e se possuem bens legalmente dedicados ao restauro da fábrica dessas ermidas²⁴.

70 anos depois de a capela ter entrado em funções, em 1787, a 9 de Junho, o arcebispo Dom Gaspar de Bragança (1758-1789), despachou favoravelmente um novo pedido agora apresentado por representantes dos “moradores do lugar de Morguido [sic]”:

Por ficar o dito lugar distante uma légua da Igreja matriz havia necessidade de haver confessionário na capela dele para se confessarem as pessoas devotas que desejavam frequentar os sacramentos.

Ao pedido, o Bispo concedia que

na Capela do dito lugar de Morguido [sic] se possa colocar um confessionário que será feito na forma do estilo e [como] determinam as nossas pastorais e nele se poderão confessar os moradores do dito lugar e mais fiéis quando por sua devoção o quiserem fazer excepto na obrigação da Quaresma e sem prejuízo dos direitos paroquiais.

Sobre estes “móveis próprios para ouvir a sagrada confissão – os vulgarmente chamados confessionários” determinara também o Concílio Provincial:

Estes devem ser colocados à vista em frente de quem entra nas referidas Igrejas. Devem ser construídos de modo que os confessores estejam separados dos penitentes – ao menos pela disposição e interposição dumas relhas²⁵.

²³ *Ibidem*. Cap. 44, p. 194.

²⁴ *Ibidem*.

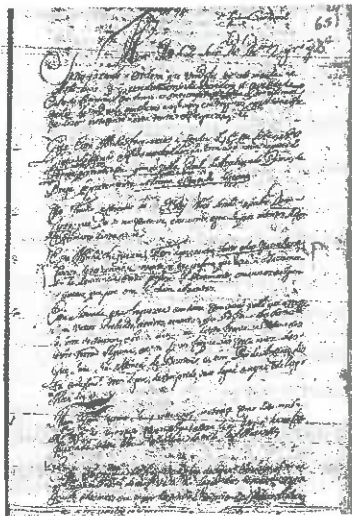
²⁵ *Ibidem*. Cap. 43, p. 194.

Pelo facto de se haver construído uma capela em Morgido, a sua população não ficou desobrigada de atender à igreja paroquial, situada bem mais abaixo, a uma hora e tal de caminho. Assim o dizem, a Provisão do Arcebispo D. Gaspar acabada de citar e os muitos assentos de Baptismos de crianças nascidas no lugar celebrados sempre na igreja paroquial ao longo dos séculos:

Aos vinte e dous dias de Janeiro ano [1]668 baptizei e pus os santos óleos a Domingas filha de Martinho Alvares e sua mulher do lugar de Murugido que nasceu aos dezoito dias do mesmo mês... foram padrinhos...²⁶.

José filho de Maria solteira filha de António Carneiro Carneiro do lugar de Morgido desta freguesia de Sam Christovam de Quandomil [sic]..., nasceu aos sete dias do mês de Março do ano mil e sete centos e quarenta e nove, foi baptizado por mim o padre José Teixeira cura nesta igreja aos treze do dito mês e ano e lhe pus os santos óleos...²⁷.

As Memórias Paroquiais e outras notícias



Página das Memórias Paroquiais referente a Candemil

Entretanto, em meados do séc. XVIII, as *Memórias Paroquiais* de 1758 tinham já informado assim:

“... outra [capela] na aldeia de Morgido de Nossa Senhora dos Remédios e nesta contam os naturais depois por tradição antiga que a dita imagem ou capela já esteve em outros dois sítios e que neles ao pé da capela nascia uma fonte de água excelente e que na trasladação da dita capela secou a fonte no primeiro sítio e nasceu uma segunda ao pé da mesma e na segunda trasladação para o dito lugar por as outras dous serem fora dele nascera a mesma fonte aonde inda existe de cuja água se servem os moradores e é maravilhosa...”.

Relativamente a toda a documentação

²⁶ Arquivo Distrital do Porto – Livro de Assentos de Baptismo da Paróquia de Candemil, Amarante, de 1578 a 1695, Livro B, nº 1, p. 27.

²⁷ Arquivo Distrital do Porto – Livro de Assentos de Baptismo da Paróquia de Candemil, Amarante, de 1747 a 1765, Livro B, nº 2, p. 14.

da Arquidiocese de Braga atrás citada, as *Memórias Paroquiais* adiantavam, portanto, alguns dados novos.

Antes de mais que, em 1758, a capela de Morgido tinha já uma invocação: dizia-se “de Nossa Senhora dos Remédios”²⁸.

Depois, que outras duas a antecederam: a “capela já esteve em outros dois sítios”.

Finalmente que, ao pé da[s] [sucessivas] capela[s], nascia uma fonte de água excelente:

Na trasladação da dita capela secou a fonte no primeiro sítio e nasceu uma segunda ao pé da mesma e na segunda trasladação ... nascera a mesma fonte aonde inda existe de cuja água se servem os moradores e é maravilhosa.

Nada disto é de estranhar: assim acontecia e acontece em quase todos os lugares marianos e em muitos outros de devoção santoral, de S. Torcato (Guimarães) a Lurdes ou a Fátima. A água – um dos quatro elementos do Mundo nas concepções antigas – foi sempre elemento de vida e de morte, no Baptismo religioso, por exemplo. O culto mariano teve também sempre muito a ver com a água. Maria é a *saúde dos enfermos*, dizia a velha Ladainha; e a saúde tem muito a ver com a água. Não se estranha, portanto, que nas rogacões da chuva ou na defesa contra a peste, se invocasse muitas vezes a intercessão de Maria. No contexto da devoção à *Senhora dos Remédios* como podia faltar a água? Por isso, o santuário de Lamego, por exemplo, daqui não muito distante, está rodeado de água corrente e de Fontes: Fonte do Pelicano, Fonte Pura, e outras mais. Mas acontecia também o inverso: junto de uma fonte de boa água levantava-se uma ermida, qualquer que fosse a sua invocação²⁹.

Foi isto que sucedeu em Morgido: ao lado de uma fonte de boa água que a população apreciava por pura e leve, surgiu uma primeira capela (a esse sítio, que ainda existe, chama-se hoje *Fonte Santa*).

²⁸ S. João da Mata (1160-1213) fundou, juntamente com S. Félix de Valois (1127-1212), a Ordem dos Trinitários para a redenção dos cativos. Conta-se que, estando ambos sem dinheiro, a Virgem apareceu ao primeiro, deixando-lhe uma bolsa cheia de moedas. E assim se deu *remédio* à grave situação. A Ordem rapidamente entrou em Portugal, estabelecendo-se em Santarém, com o apoio do rei D. Afonso II (1211-1223) e de suas irmãs, Teresa, Sancha e Mafalda. A devoção espalhou-se depois por todo o país não fosse Maria – como diz a ladainha – a *saúde dos enfermos*. Em Portugal, para além de várias capelas dedicadas a Nossa Senhora dos Remédios, há 9 freguesias que a têm como padroeira. Mas o mais afamado santuário desta invocação é inegavelmente o de Lamego, construído na 2ª metade do séc. XVIII, no lugar onde existiu, desde o séc. XIV, uma capela primitivamente dedicada a Santo Estêvão. Por ter entrado em ruína, foi reconstruída em meados do XVI pelo bispo lamecense D. Manuel de Noronha (1551-1564) que a dedicou então a Nossa Senhora dos Remédios.

²⁹ Ver CAULIER, Brigitte – *L'eau et le sacré*. Paris : Beauchesne, 1990.



Vista de Morgido, tirada do lugar onde existiu a primeira edificação da capela

Mais tarde, em 1650, a ermida foi trasladada para lugar mais próximo da aldeia: chama-se, ainda hoje, *Poça da Fonte*. Finalmente, mesmo ao lado da ermida actual a que se dava já a invocação de Nossa Senhora dos Remédios, por irradiação do santuário de Lamego, existiu a *Fonte da Senhora*, deslocada há poucos anos um pouco para baixo mas ali muito perto ainda.

Em 1904, o Conde de Samodães, no seu Livro *O Culto de Maria Santíssima na Diocese do Porto*, de 1904, juntava uma nova e interessante informação: “No lugar de Morgido está a capela pública da Senhora dos Remédios, cuja festa é no último dia de Agosto”³⁰.

O retábulo e o forro do tecto

Como atrás se disse, a nova capela de Morgido a que se refere a Provisão arquiépiscopal de 1713, *tem o retábulo antigo* [isto é, da capela primitiva] [que é] *menos suficiente*. Este *retábulo antigo* não é, com toda a certeza o actual. Porque foi substituído? Quase se adivinha. Foi, portanto, procurado um outro, mais capaz ou suficiente. De facto, o actual parece não ter sido executado para ali: basta reparar nos encaixes laterais, sobretudo nas sancas.

³⁰ CONDE DE SAMODÃES – *O Culto de Maria Santíssima na Diocese do Porto*. Porto : Typ. Catholica, 1904, p. 354.

Logo no início deste texto, admiti a hipótese de o retábulo ter vindo para aqui doutro lugar.

Um morador do lugar de Morgido, Augusto Pinto Ribeiro (1917-2006), que durante grande parte da sua vida foi o zelador da capela do lugar, afirmou sempre que o altar tinha sido trazido da Livração (Marco de Canavezes). O mesmo se contava, de resto, do retábulo da paróquia de Candemil. O certo é que, perguntando na Livração, tive de concluir da não verdade da informação.

Outra informação popular, passada de boca em boca, pretende que as peças em questão terão vindo da freguesia de Gondar. E a verdade é que esta *tradição* pode ter algum fundamento.

Efectivamente, existiu na vila de Amarante: um “Hospício dos confesores das Clarissas do mosteiro da vila e dos comissários da Ordem Terceira³¹ que tinha o seu templo próprio – *S. Francisco* – ao Norte do Campo da Feira, antes de 1740”³², mandado “construir pela Irmandade da Ordem Terceira de *S. Francisco*[...] ... [que] era um edifício de boa traça artística, com janelas laterais”³³.

O Pe. Francisco de Magalhães coincide na mesma informação:

[Amarante] Tinha mais um hospício de Religiosos de *S. Francisco* com uma Irmandade de Terceiros da mesma Ordem aonde assistiam e assistem dois Padres Comissários, com una magnífica e bem asseada igreja.

Continua a informação do Pe Francisco de Magalhães:

[Na passagem das tropas francesas por Amarante] ardeu tudo.

Mas, referindo-se ao tempo em que escrevia a sua *História antiga e moderna da sempre leal e antiquíssima Vila de Amarante*, publicada em 1814, diz que, àquela data:

Cobriu-se já o hospício e reparou-se a antiga capelinha para celebrar os officios divinos.³⁴

Ou seja, com a invasão, a igreja de *S. Francisco* ficou completamente em ruínas a serviram-se então os frades da tal *capelinha* do hospício para a

³¹ As *Ordens Terceiras* são associações de leigos (Terceiros/as *seculares*) ou mesmo de religiosos (Terceiros/as *regulares*) que, de diversos modos, vivem segundo o espírito de uma Ordem Religiosa. Terceiras porque, dentro da Ordem religiosa em questão, as de frades são *Primeiras* e as de freiras são *Segundas*.

³² RIBEIRO, Bartolomeu – *Guia de Portugal Franciscano*. Leixões : ed. do Autor, 1946, p. 62.

³³ MACEDO, Luís van Zeller – *Pequena História de Amarante*. Amarante : ed. do Autor, 1993, 2ª ed., p. 138.

³⁴ MAGALHÃES, Pe Francisco de Azevedo Coelho de – *História antiga e moderna da sempre leal e antiquíssima Vila de Amarante*. Londres : Hansard, 1814, p. 36.

sua Liturgia. Mas só em 1903 se daria destino às ruínas da igreja bem como de outros espaços franciscanos, então já devolutos: porque o sítio ia “servir de dependência do quartel militar”³⁵.

Nessa altura, os seus altares, com licença do Ministro da Guerra, foram cedidos à “Paróquia de Gondar ... os quais esta Corporação pretende para a nova Igreja paroquial desta freguesia que está a ser construída”³⁶. Não me custa admitir que Gondar, não necessitando de tudo quanto recebeu, possa depois ter cedido à ermida de Morgido o altar e o forro do tecto da citada *capelinha* franciscana. Não esqueçamos que, aquando da bênção da de Morgido, como atrás disse, ela tinha simplesmente o *retábulo antigo* que o pároco ao tempo qualificara de *menos suficiente*.



Pintura de S. Pedro, lado esquerdo do retábulo

Ou melhor. Será exagerado admitir que, tendo sido pedido ao Comendador António Cândido (1850-1922), natural de Candemil, que diligenciasse junto do Governo no sentido de se obter resposta positiva ao pedido da paróquia de Gondar, ele próprio tivesse aproveitado a ocasião para – a sugestão do Pároco de Candemil? – conseguir para a capela de Morgido o altar e mesmo o forro do tecto da *capelinha* de S. Francisco? A não aparecer documentação até agora desconhecida, ficam as hipóteses.

São bonitas as duas peças. O altar e o forro.

Quanto ao altar, a pintura de S. Francisco e de Santa Clara pode sugerir um pincel diferente do das mais pinturas do retábulo: a de S. Pedro, curiosa, de resto, até por um

sobreposto traço esquissado que representa o mesmo apóstolo (percebem-

³⁵ *Ibidem*. P. 138.

³⁶ Para além do Autor citado na nota anterior, pode ver-se ainda AMARAL, Luís Coutinho – “*Altars da igreja paroquial de Gondar provenientes da igreja de S. Francisco de Amarante*”, in *Mem Gondar*, jornal da Escola de Chedas, V, 14 (Abril 1996) 1. Um manuscrito da autoria de um pároco de Gondar – Gastão da Costa e Sousa (1904-1954) – que o foi de 1930 a 1949, e que, até há pouco, fazia parte do Arquivo Paroquial daquela freguesia mas de que se desconhece entretanto o paradeiro. Li em fotocópia este documento que confirma todas as informações supra.

se bem as chaves petrinas), e as de S. Miguel e do Coração de Jesus³⁷, podem, num primeiro olhar, parecer aparentadas com a de S. Francisco e Santa Clara. Atentando melhor, porém, percebe-se que a tinta de fundo das pinturas da dupla franciscana e do Coração de Jesus, que é a mesma, sugere um pintor diferente!



Pintura de S. Miguel, lado direito do altar-mor/Coração de Jesus, pintura do cimo do altar-mor

O seu traço é claramente mais popular, o pincel bastante grosseiro e sem grande variedade cromática, diferente, em minha pobre opinião, do das de S. Pedro e S. Miguel, de desenho mais fino e quase elegante.

No centro do forro do tecto, desenhado pelas duas colunas dos quadros da Via dolorosa, estão as armas franciscanas, recriadas pela inventiva popular.

O brasão está dividido em duas partições. Em cada uma está desenhada uma semi-bandeira: na da direita, as cinco chagas de Cristo; na da esquerda, outros tantos escudetes (sem besantes), como é costume na bandeira portuguesa desde D. Sancho I (1185-1211). A semi-bandeira da esquerda

³⁷ “A devoção ao Coração do Salvador foi e ainda é uma das expressões mais difundidas e amadas da piedade eclesial. Entendida à luz da Escritura divina, a expressão *Coração de Cristo* designa o próprio mistério de Cristo, a totalidade do seu ser; a sua pessoa considerada no seu núcleo mais íntimo. (...) A Idade Média foi uma época particularmente fecunda para o desenvolvimento da devoção ao Coração do Salvador. (...) Na época moderna, o culto ao Coração do Salvador conheceu novos desenvolvimentos. Num tempo em que o jansenismo proclamava os rigores da justiça divina, a devoção ao Coração de Jesus constituiu um antídoto eficaz para suscitar nos fiéis o amor ao Senhor e a confiança na sua misericórdia infinita, da qual o Coração é penhor e símbolo” (*Directório sobre a Piedade Popular e a Liturgia*, ob. cit., n.ºs 166 e 169-170).

está ainda rodeada de sete castelos, quantos passaram a fazer parte da bandeira nacional desde D. Sebastião (1557-1578). E tudo encimado pelos dois braços, os de Jesus e de S. Francisco, que se cruzaram no *abraço* do Alverne³⁸, quando Francisco recebeu as cinco chagas. Levanta-se deles uma cruz, por cima da qual há uma coroa de espinhos. Por detrás da sua parte superior, um resplendor.

Claro que, na versão de Morgido, ressaltam o verde e o vermelho, as cores da bandeira portuguesa de 1910, o que sugere que toda a pintura do forro seja posterior a essa data. A ser assim e admitindo que a peça veio de S. Francisco de Amarante, quem pintou e quando?

O mesmo se diga dos 14 quadros ou *estações* da Via Sacra³⁹ que são, inegavelmente, a parte mais chamativa de todo o conjunto.



O Calvário, cena da Via Sacra

De um cromático muito vivo, impressionam verdadeiramente. É possível que o autor deste trabalho, que não é o do altar, possa tê-lo copiado de algo ou alguém, o que fez segundo a sua capacidade. A sua ingenuidade não deixa de ser impressiva: mas o desenho, tosco ou *naïf*, resulta no

³⁸ Dois anos antes de morrer, em momento de êxtase, S. Francisco de Assis, recebeu no Monte Alverne os estigmas, as cinco chagas de Cristo. Estes fenómenos são relativamente frequentes: conhecem-se cerca de 400 casos, nem sempre de origem *sobrenatural*, mas de natureza patológica. “Do ponto de vista teológico os estigmas não representam um milagre. São incluídos nos processos surpreendentes produzidos pela fé e demonstram, precisamente, a força da fé para provocar efeitos físicos através da vida psíquica. Assim os fenómenos da estigmatização são estudados no âmbito da psicossomática, um campo onde, como se sabe, se pode observar como é grande a capacidade de influência psíquica sobre a pele. (...) O facto é que ele [Francisco de Assis] é o primeiro santo em que tal fenómeno se produziu e, a nível psíquico tal como a nível teológico, é fundamental a ligação entre os estigmas e a imitação de Cristo, a *sequela Christi*. Pode-se imaginar a extraordinária tensão, o intenso desejo com que Francisco meditou sobre a paixão de Cristo no Monte Alverne”. (CARDINI, Franco - *São Francisco de Assis*. Lisboa : Presença, 1993, p. 173).

³⁹ São as seguintes as estações da Via Sacra: 1ª, Jesus é condenado à morte; 2ª, Jesus toma a cruz aos ombros; 3ª, Jesus cai pela primeira vez; 4ª, Jesus encontra a sua mãe; 5ª, Jesus é ajudado por Simão de Cirene; 6ª, Verónica enxuga o rosto de Jesus; 7ª, Jesus cai pela segunda vez; 8ª, Jesus encontra as mulheres de Jerusalém; 9ª, Jesus cai pela terceira vez; 10ª, Jesus é despojado das suas vestes; 11ª, Jesus é pregado na cruz; 12ª, Jesus morre na cruz; 13ª, Jesus é descido da cruz; 14ª, Jesus é sepultado. No forro do tecto da ermida de Morgido, há algumas trocas: a 4ª estação é a do encontro de Jesus com as mulheres de Jerusalém, a 5ª a da 2ª queda, a 7ª a do encontro com sua mãe Maria, e a 8ª a da ajuda de Simão de Cirene.

entanto encantador. Os quadros, 7 de cada lado, são de dimensões desiguais, e estão diferentemente espaçados talvez por incapacidade de domínio da área disponível, e rodeados todos eles por um entrançado florido a sugerir intemporalidade.



Vista parcial da via Sacra

De algum modo, como que regressamos em Morgido à função catequética da pintura medieval: quando ninguém sabia ler nem entendia o latim, a fé educava-se já não *ex auditu* (Rm 10,17) mas através de obras visíveis (Rm 1,20). Por isso, no visigótico, no românico e ainda no gótico, as paredes interiores das igrejas, os tectos, as colunas e os capiteis, tudo era pintado. E pela pintura se abordava o mistério.

A concluir

Que pode, portanto, saber-se de certo ou admitir-se como hipotético na capela de Morgido?

1. Como dizem as *Memórias Paroquiais* de 1758, houve uma primeira ermida, em lugar afastado da aldeia, *ao pé* da qual *nascia uma fonte de água excelente*.

2. Uma segunda foi depois levantada noutra lugar, a substituir a primeira, possivelmente ainda fora da aldeia: a que foi benzida em 1650. Tinha também uma fonte ao pé.

3. A capela que hoje existe no meio do lugar, a terceira, foi construída pelos inícios do séc. XVIII. A licença da sua bênção é de 1717. Havia também

uma fonte ali à beira.

4. São as *Memórias Paroquiais* de 1758 que, pela primeira vez, dizem a capela de Nossa Senhora dos Remédios.

5. O altar e o forro do tecto podem ter vindo da desaparecida *capelinha* do hospício franciscano que existiu em Amarante “no Campo da Feira (Largo Sertório de Carvalho) sensivelmente no espaço hoje ocupado pelo pavilhão de consulta do Hospital de S. Gonçalo (antigo Quartel de Artilharia)”⁴⁰.

6. A pintura do forro do tecto deve ser posterior a 1910, dadas as cores do brasão franciscano nele pintado, o vermelho e o verde da bandeira republicana.

A história dos cultos e das devoções populares é muito importante para desvendar mistérios do Passado. Mas desenterrar os seus segredos não é fácil. A capela de Morgido, cujos segredos só parcialmente se podem conhecer, diz-nos bastante das formas históricas da crença dos seus antepassados. Se da materialidade da ermida de Nossa Senhora dos Remédios não sabemos quanto quereríamos, não se pode pretender que as sucessivas gerações de Morgido não se tenham, também elas, esforçado por abordar o mistério.

⁴⁰ AMARAL, Luís Coutinho – “*Altars da igreja paroquial de Gondar provenientes da igreja de S. Francisco de Amarante*”, já citado, p. 1.

Apêndice

I.

PROVISÃO PARA DIZER MISSA NA ERMIDA DO LUGAR DE MONPIDO [sic], FREGUESIA DE CANDEMIL, QUOMARGA DE VILA REAL.

A 4 de Fevereiro de 1650, em *Sede vacante*, o Cónego Governador do Arcebispado de Braga a que pertencia a paróquia de Candemil manda que o seu Pároco proceda à bênção da capela de Morgido, de modo que se possam ali celebrar a missa, os divinos officios e administrar os Sacramentos.

Arquivo Distrital de Braga, *Registo Geral, Códice 23*, p. 131 v.

Nós, as Dignidades e Cónegos, Cabido da Santa Sé de Braga Primaz das Espanhas Sede Vacante et cetera, pela presente cometemos ao Reverendo Manuel Teixeira, Abade de Candemil, que na forma do Ritual Romano benza a Ermida de que trata a petição atrás e depois de benta damos licença que nela se possa, dizer missas e celebrar os divinos officios e administrar os Santos Sacramentos e esta nossa provisão se registará no Registo Geral desta Corte para a todo o tempo constar dele. Dada em Braga sob o nosso selo e sinal do reverendo Doutor Francisco Pereira Salgado, Mestre Escola nesta nossa Santa Sé, Governador de nosso Arcebispado, nosso Provisor e Vigário Geral, aos quatro dias do mês de Fevereiro de mil e seiscentos e cinquenta anos. João de Araújo Borges o escrevi. Francisco Pereira Salgado. Vista vinte. Passe Abreu. Ao selo quinhentos e vinte. Gouveia. Ao escrivão quarenta. Registado Gomes. Ao Registo Geral quarenta. A qual eu João de Gouveia, escrivão do Registo Geral desta Corte fiz registar e subscrevi o que se fez bem fielmente e por vontade me assino. Braga, hoje quatro de Fevereiro de mil e seiscentos e cinquenta anos. João Gouveia.

II.

PROVISÃO A FAVOR DE MANUEL GONÇALVES MOURÃO.

Respondendo ao pedido de Manuel Gonçalves Mourão e Luís Álvares, moradores no lugar de Morgido, freguesia de Candemil, que haviam procedido de seu bolso à trasladação da Capela do seu lugar original para o coração da al-

deia, como repetidamente tinham sido aconselhados que fizessem, o Arcebispo de Braga, em documento de 12 de Dezembro de 1713 e após a necessária indagação, dá licença ao Pároco de Candemil para que proceda à bênção do novo edifício.

Arquivo Distrital de Braga, *Registo Geral, Códice 153*, p. 84v.

Dom Rodrigo de Moura Teles, por mercê de Deus e da Santa Sé Apostólica Arcebispo e Senhor de Braga Primaz das Espanhas do Conselho de Estado de El Rei meu Senhor e seu submilher de cortina⁴¹ et cetera, pela presente vista a certidão retro do suplicante Manuel Gonçalves Mourão e Luís Álvares, do lugar de Morgido, freguesia de Candemil, comarca de Vila Real. Informação do Reverendo Pároco dela e resposta do Doutor Procurador Geral da nossa Mitra na forma dela lhe damos licença a ele dito Reverendo Pároco para que na forma do Ritual Romano possa benzer a capela de que se trata visto estar decentemente edificada na demolição de dela se fez e pelo assim havermos porém lhe mandamos passar a presente que será registada e a dita petição e despachos no Registo Geral desta nossa cidade na forma que parece ao dito Doutor Procurador Geral da nossa Mitra. Dada em Braga sob o selo das nossas armas e sinal do Reverendíssimo Luís Álvares de Figueiredo, nosso Bispo Coadjutor e Governador deste nosso Arcebispado, aos quinze dias do mês de Novembro de mil e setecentos e dezassete anos, o Padre Lourenço Pereira de Araújo, escrivão da Câmara Eclesiástica o subscrevi. Ao selo cem. Ao escrivão sessenta. Ao registo nada. Ao Registo Geral quarenta. Vista vinte. Petição, Ilustríssimo Senhor. Dizem Manuel Gonçalves Mourão e Luís Álvares, moradores no lugar de Morgido, freguesia de Candemil, comarca de Vila Real, deste Arcebispado de Braga, que eles suplicantes lhes foi mandado em repetidos capítulos de visita o mudarem uma Capela que havia no tal lugar para administração dos Sacramentos necessários aos enfermos que há no sobredito lugar para outro sítio mais conveniente para o sobredito ministério ao que ao presente tem dado inteira satisfação mudando-a na forma mandada à sua própria custa deles sobreditos moradores lhes parece que está com toda a decência necessária para nela se celebrar e dela se administrar os Sacramentos com muito mais cómodo do que da antiga e hoje demolida e porquanto é necessária licença para se benzer pedem ao Ilustrís-

⁴¹ "Sumilheres de cortina são eclesiásticos fidalgos que correm a cortina da tribuna del Rei na Capela Real, e fazem outras coisas ao serviço dela" (BLUTEAU, Rafael – *Dicionário da Língua Portuguesa*. Lisboa: Of. de Simão Tadeu Ferreira, 1798, 2ª vol, p. 430).

simo lhes faça mercê dar licença para benzer a dita Capela e dar na forma do Ritual Romano e receberá mercê. Informe o reverendo Pároco da capacidade e decência desta Capela e se está acabada em sua perfeição. Braga, doze de Dezembro de mil, setecentos e treze. Rodrigo, Arcebispo Primaz. Informação. Ilustríssimo Senhor. A Capela de que trata a petição acima, no tamanho dela comprimento a largura, é bastante para se nela dizer missa e dela sair o Sacramento para os enfermos, é telhada e forrada para baixo dos caibros e tem o retábulo antigo menos suficiente, tem guarda-pó e frontal novo e pintados, não é esta ladrilhada e com tabula sendo que com isto é (...) duro, esta é a verdade. Vossa Ilustríssima mandará o que for servido. Candemil, vinte e três de Setembro de mil setecentos e dezassete. Domingos da Silva. Haja vista o Doutor Procurador Geral da Mitra. Braga, em vinte e seis de Setembro de mil setecentos e dezassete. Luís, Bispo. Despacho. Ilustríssimo Senhor. Vista a informação do Reverendo Pároco pode Vossa Ilustríssima sendo servido mandar se passe licença para o Reverendo Pároco benzer a Capela e altar para com isso se poder nele dizer missa (...) que a licença foi ao registo Geral que nela se traslade esta petição, despachos e informação. Braga, treze de Dezembro de mil setecentos e dezassete. João Esteves de Carvalho. Despacho. Passe licença para o Reverendo Pároco benzer a Capela de que se trata na forma do Ritual Romano a qual se registará no Registo Geral com esta petição e despachos na forma que parece ao Doutor Procurador Geral da Mitra. Braga, treze de Novembro de mil setecentos e dezassete. Luís, Bispo. E não se continha mais nos ditos despachos e petição e provisão a qual eu Manuel Vieira, escrivão do Registo Geral aqui fiz tirar e trasladar bem e fielmente de própria petição e documentos que entreguei a parte aos quais em tudo e por tudo me reporto e por verdade e em fé dele assino de meu sinal raso de que uso, em Braga, aos dezanove de Novembro de mil setecentos e dezassete anos. Eu sobredito Manuel Vieira, escrivão que o subscrevi e assinei, Manuel Vieira. Concertado com o próprio por mim escrivão Manuel Vieira.

III.

PROVISÃO PARA SE COLOCAR UM CONFESSIONÁRIO NA CAPELA DO LUGAR DE MORGUIDO, FREGUESIA DE SÃO CRISTÓVÃO DE CANDEMIL.

Em documento de 1787, o Arcebispo de Braga dá licença para que se coloque

um confessorário na capela de Morgido.

Arquivo Distrital de Braga, *Registo Geral, Códice 219*, p. 180v.

Dom Gaspar, Arcebispo e Senhor de Braga Primaz das Espanhas et cetera, havendo respeito ao que nos representaram os moradores do lugar de Morguido [sic], freguesia de São Cristóvão de Candemil, comarca de Vila Real, deste nosso Arcebispado, que por ficar o dito lugar distante uma légua da Igreja Matriz havia necessidade de haver confessorário na Capela dele para se confessarem as pessoas devotas que desejavam frequentar os sacramentos, pedindo-nos lhes concedessemos licença ao que atendendo nós e ao mais que nos representaram os suplicantes e vista a informação que tivemos do reverendo Pároco e o mais que consideramos, concedemos licença para que na Capela do dito lugar de Morguido se possa colocar um confessorário que será feito na forma do estilo e determinam as nossas pastorais e nele se poderão confessar os moradores do dito lugar e mais fiéis quando por sua devoção o quiserem fazer excepto na obrigação da Quaresma e sem prejuízo dos direitos paroquiais e pelo assim havermos por bem mandamos passar a presente Provisão que será registada no registo Geral desta Corte sem o que não valha. Dada em Braga sob nosso sinal e selo de nossas armas aos vinte e dois de Agosto de mil setecentos e oitenta e sete. Dom Gaspar Arcebispo Primaz. Provisão porque Vossa Alteza há por bem conceder licença para que na Capela do lugar de Morguido, freguesia de São Cristóvão de Candemil, se possa colocar um confessorário na freguesia acima declarada para Vossa Alteza ver. Vista sessenta, Freire. Lugar do selo. Ao selo quarenta. Ao registo grátis. Monte. Ao Registo Geral seu regimento. Por decreto de sua Alteza de nove de Junho de mil setecentos e oitenta e sete Manuel Alves Salgado a fiz escrever. Desta setenta reis. E não se continha mais em a dita provisão que eu o Padre José António Ferreira da Cruz Amarante, escrivão do Registo Geral desta Corte, aqui registei fielmente, e por verdade e em sua fé me assino. Braga, vinte e quatro de Agosto de mil setecentos e oitenta e sete. E eu sobredito Padre José António Ferreira da Cruz Amarante a escrevi e assinei. O Padre José António Ferreira da Cruz Amarante.

IV.

ASSENTO DE BAPTISMO DE UMA CRIANÇA NASCIDA EM MORGIDO E BAPTIZADA EM 22 DE JANEIRO DE 1668 NA IGREJA PAROQUIAL DE CANDEMIL

Arquivo Distrital do Porto, *Livro de assentos de Baptismo da Paroquia de Candemil, Amarante*, de 1578 a 1695, Livro B, nº 1, p. 27.

Aos vinte e dous de Janeiro [1]668 baptizei e pus os santos óleos a Domingos filho de Martinho Alvares e sua mulher do lugar Murugido que nasceu aos dezoito dias do dito mes foram padrinhos Paulo Eanes e sua irmã Grassa solteiros...

V.

ASSENTO DE BAPTISMO DE UMA CRIANÇA NASCIDA EM MORGIDO EM 13 DE MARÇO DE 1749 E BAPTIZADA NA IGREJA PAROQUIAL DE CANDEMIL

Arquivo Distrital do Porto, *Livro de assentos de Baptismo da Paroquia de Candemil, Amarante*, de 1747 a 1765, Livro B, nº 2, p. 14.

José filho de Maria solteira filha de António Carneiro Carneiro do lugar de Morgido desta freguesia de Sam Christovam de Quandomil neto pela parte materna do dito António Carneiro e de sua mulher Mariana de Azevedo do dito lugar de Morgido, nasceu aos sete dias do mes de Março do ano de mil e sete centos e quarenta e nove anos foi baptizado por mim o padre José Teixeira cura nesta Igreja aos treze do dito mes e ano e lhe pus os santos óleos foram padrinhos Pedro Alves de Oliveira filho de Paulo de Azevedo do lugar de Quandomil e Ana solteira filha de Diogo Pereira do lugar da Granja foram mais testemunhas José Pinheiro e Manuel Martins todos do dito lugar de Morgido desta freguesia que todos aqui assignaram comigo sobredito padre que este termo fiz e assignei.